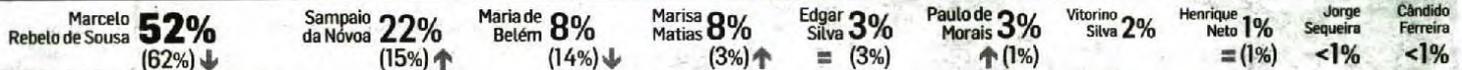


PRESIDENCIAIS 2016

Intenção de voto em eleições presidenciais

() - Resultados do último barómetro de 2 de dezembro de 2015

Estimativa de resultados eleitorais*



* Obtida calculando a percentagem de intenções diretas de voto em cada lista em relação ao total de votos válidos (excluindo abstenção, não respostas e indecisos). São apenas consideradas intenções e inclinações de voto de inquiridos que disseram que "de certeza" ou "em princípio" vão votar (N=2622). Estas estimativas têm valor meramente indicativo, dado que diferentes pressupostos poderão gerar resultados diferentes.

Intenção direta de voto por sexo do inquirido



Por idade

	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+anos
Marcelo Rebelo de Sousa	42%	40%	39%	41%	31%	33%
Sampaio da Nóvoa	6%	9%	12%	12%	21%	18%
Maria de Belém	7%	5%	4%	6%	7%	8%
Marisa Matias	10%	9%	7%	6%	4%	2%
Outros	6%	7%	8%	7%	5%	6%
Branco/nulo	2%	1%	1%	2%	2%	2%
Não sabe/não responde	14%	18%	18%	16%	17%	20%
Não vai votar	12%	11%	10%	10%	12%	11%

Por grau de escolaridade

	Não completou secundário	Completo secundário	Completo superior
Marcelo Rebelo de Sousa	34%	41%	40%
Sampaio da Nóvoa	12%	14%	18%
Maria de Belém	7%	5%	5%
Marisa Matias	5%	6%	8%
Outros	7%	6%	7%
Branco/nulo	2%	2%	2%
Não sabe/não responde	19%	17%	15%
Não vai votar	14%	9%	5%

FICHA TÉCNICA: Esta sondagem foi realizada pelo CISION-Universidade Católica Portuguesa para a Antena 1, RTP, o Jornal de Notícias e o Diário de Notícias nos dias 16 e 17 de Janeiro de 2016. O universo-alvo é composto pelos indivíduos com 18 ou mais anos censoados eleitoralmente e residentes em Portugal continental. Foram selecionadas aleatoriamente quarenta e cinco freguesias do país, tendo em conta a distribuição dos eleitores por distritos. A seleção aleatória das freguesias foi sistematicamente repetida até os resultados eleitorais das eleições anteriores nesse conjunto de freguesias (ponderado o peso eleitoral dos seus distritos de pertença) estivessem a menos de 1% dos resultados nacionais das quatro candidaturas mais votadas. Os domicílios em cada freguesia foram selecionados por caminho aleatório e foi inquirido em cada domicílio o próximo aniversariante censoado eleitoralmente. Foram obtidos 3340 inquiridos válidos, sendo 58% dos inquiridos mulheres, 24% da região Norte, 20% do Centro, 37% de Lisboa, 12% do Alentejo e 8% do Algarve. Todos os resultados foram ponderados de acordo com a distribuição de eleitores residentes no Continente por sexo e escalões etários e região na base dos dados do recenseamento eleitoral e das estimativas do INE. A taxa de resposta foi de 88%. A margem de erro máximo associado a uma amostra aleatória de 3340 inquiridos é de 1,7%, com um nível de confiança de 95%.

Marcelo vence, mas aumenta hipótese de segunda volta

Sondagem. Antigo líder do PSD consegue 52%, um pouco mais do que precisa para ser presidente já no próximo domingo. Sampaio da Nóvoa sobe para os 22% e Maria de Belém cai para os 8%, com Marisa a rivalizar com a ex-presidente do PS

PAULA SÁ

Marcelo Rebelo de Sousa ainda venceria as eleições presidenciais à primeira volta se elas se realizassem neste momento, com 52% das intenções de voto, logo seguido de Sampaio da Nóvoa, com 22%. Este resultado faz aumentar a probabilidade de uma segunda volta, de acordo com a sondagem da Universidade Católica para Antena 1, RTP, *Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias*.

O antigo líder do PSD deu assim uma queda de dez pontos percentuais em relação ao resultado que tinha obtido no barómetro da Católi-

ca em dezembro, ainda antes da campanha eleitoral. Ao invés, o ex-reitor sobe sete pontos percentuais.

Marcelo precisa de ficar acima de 50% dos votos para ser eleito à primeira volta e os dois pontos que tem a mais nesta sondagem estão na margem de erro, que é de 1,7%.

Quem dá um violento trambolhão é Maria de Belém, que passou de 14% das intenções de voto antes da campanha para os 8%. Esta queda não é ainda explicada pela polémica em que se viu envolvida nesta semana depois de se saber que foi uma das subscritoras do pedido de inconstitucionalidade do corte das subvenções vitalícias

Os dados da sondagem foram recolhidos no passado fim de semana e, portanto, antes de se ter tornado público que a ex-presidente do PS é favorável a esse privilégio atribuído aos deputados até 2005. O mau resultado só se poderá justificar pela própria dinâmica da sua campanha no terreno.

Marisa Matias é que tem tirado forte proveito da campanha eleitoral pelo país e até dos debates televisivos, que decorreram antes da recolha dos dados. A candidata apoiada pelo Bloco de Esquerda chega aos 8% - a mesma percentagem de Maria de Belém -, o que representa mais cinco pontos per-

centuais em relação ao barómetro de dezembro. Edgar Silva, o candidato do PCP, é que não sofreu qualquer oscilação nas intenções de voto e manteve-se nos 3%.

Outro candidato que parece ter beneficiado dos debates televisivos e da campanha é Paulo de Morais. O antigo vice-presidente da Câmara do Porto, que tem empunhado a bandeira do combate à corrupção, consegue atingir os 3%, mais dois do que na sondagem anterior, e passa à frente de Henrique Neto, que se mantém apenas com 1% das intenções de voto.

Henrique Neto é também ultrapassado por Vitorino Silva, vulgo

Tino de Rans, que obtém 2% nas intenções de voto. Este candidato não tem ponto de comparação relativamente ao anterior barómetro, visto que quando em dezembro foi realizado ainda não tinha formalizado a sua candidatura a Belém.

Os outros dois candidatos que também entregaram as assinaturas mais tarde no Tribunal Constitucional, Jorge Sequeira e Cândido Ferreira, não conseguem atingir o 1% nas intenções de voto.

Os resultados da sondagem não permitem prever o valor da abstenção, que costuma ser bastante alto nas eleições presidenciais e pode contribuir para uma segunda volta.

PRESIDENCIAIS 2016

SAMPAIO DA NÓVOA



Na tradicional arruada de Santa Catarina, no centro da cidade do Porto, Sampaio da Nóvoa apelou ao voto da esquerda na sua candidatura

Os pupilos do senhor reitor. Professor apela ao "voto capaz"

Educação. Sampaio da Nóvoa voltou à escola e falou de ética e valores. Prometeu ser um político diferente e cumprir o que apregoa se for eleito

MIGUEL MARUJO

Há outro professor nesta campanha. Parecia escondido, andava preocupado em mostrar um currículo político, quando afinal ele tinha era saudades de dar aulas. Sampaio da Nóvoa entrou ontem na sala 16 da Escola Secundária da Trofa, a meio da aula de Filosofia da turma 6 do 10.º ano de Humanidades, que se dedicava a discutir a ética e os valores.

Foi este o mote para o professor António perguntar aos alunos que valores lhes eram caros: igualdade, justiça, felicidade e liberdade, ouviu-se, primeiro em vozes mais sumidas, depois logo mais audíveis. E da política, gostam, questionou Nóvoa. "É um bocado naquela, não é problema meu", provocou Rodrigo Diogo. É, é, disse-lhe o

candidato – e outros miúdos, e a professora Manuela Cerqueira também. A partir daí a curiosidade picou os alunos, que perguntaram e aconselharam e pediram.

Sampaio da Nóvoa estava no seu meio, e mesmo sem tempo, que lhe reclamava a comitiva, o professor ouviu o desafio para apostar na educação. "É a aposta da minha vida", replicou. E recuperou a metáfora de que "a educação é um elevador social para as pessoas chegarem mais longe".

Os miúdos duvidam desse elevador. Afinal à volta deles o que veem e experimentam é o desemprego dos seus e a emigração de muitos. "Quando era da vossa idade, vocês não imaginam como era este país", explicou Nóvoa, ilustrando com uma foto que reviu dos seus dias de escola primária. "E notei que havia uma coisa estranha na foto. Eu era dos poucos que estavam de sapatos, que iam calçados. Era um país paupérrimo." Além de não haver liberdade. "Não chega? Não chega, e nenhum de nós está contente", mas pelo menos as palavras podem ajudar a mudar. "Tem de descer ao nosso nível", atirou-lhe Rodrigo, provocador de serviço.

Também Joana, Marta e Francisca vão interpellando o candidato professor. "Consegue mudar Portugal", perguntou-lhe uma. "Se achasse que não conseguia, não tinha vindo aqui para isto." Eles estão fartos de promessas, "queríamos ver mesmo mudanças". "Depois de serem eleitos esquecem-se dos nossos problemas." E o professor admite então submeter-se à avaliação dos pupilos. "Ao fim de um ano e se acham que estou a fazer como os outros ou estou a fazer diferente." Se falhar, "vocês depois batem-me".

Falta-lhe tempo para continuar a conversa. "Tempo não tenho. Já só tenho um dia e meio para ganhar as eleições. Tenho de me desdobrar", disse-lhes, entre risos, o toque da saída a fazer agitar as mesas. E uma confissão, porta fora, antes do alvoroço do intervalo na escola. "Já perceberam as saudades que eu tenho de dar aulas." Sim, ficou à vista.

De manhã em Braga, Sampaio da Nóvoa não se furta aos diálogos, a um pezinho de vira minhoto, aos beijinhos e aos abraços. É aí, por entre bancas de frutas e hortaliças, de roupa e peixe, que uma vendedora lhe prometeu agora o voto que pensou em dar primeiro a Maria de Belém. "Votei sempre no socialismo, desde o 25 de Abril. Sou socialista até morrer", atirou. E perante a pergunta explicou-se, à frente de Nô-

ON E OFF



A aula do professor António foi um momento único nesta campanha – e foi pena. Sampaio da Nóvoa estava em casa e a turma 6 do 10.º ano ajudou muito.



Santa Catarina, no Porto, foi arruada de pouca gente, mesmo assim o ânimo e o entusiasmo do candidato (e os bombos) ajudaram a fazer a festa.

voa: "Estava inclinada a votar em Belém, mas como a Belém não tem hipótese..."

Para Nóvoa, a sua candidatura é que "está hoje a canalizar e a agregar" o voto de eleitores "e que as pessoas estão a entender que a única alternativa autêntica para disputar a segunda volta é esta". Di-lo em Felgueiras, e repetirá ao fim da tarde no Porto, no final de uma arruada curta de gente. Vale-rá depois o comício da noite num pavilhão do Académico mais composto de apoiantes.

O apelo no "voto capaz" passa pela mobilização do único que "pode disputar a segunda volta ombro a ombro com a candidatura apoiada por Passos Coelho e Paulo Portas, a candidatura de Marcelo Rebelo de Sousa". "Ninguém pode ficar em casa no domingo", pediu a eurodeputada socialista Elisa Ferreira.

A atleta Rosa Mota, que acompanha o candidato durante o dia, explicou depois ao DN que este é "o tempo da eliminatória" para a "maratona final", que será a 14 de fevereiro, data da segunda volta.

Escrito em letra redonda no caderno da aluna da Trofa, o sumário dizia o que ali se falava: "O problema do livre-arbitrio como um problema em aberto." Para Nóvoa, é o resultado de 24 de janeiro que está em aberto, à espera do livre-arbitrio dos eleitores.

AGENDA

HOJE

- 12.30 Almoço com autarcas na Cervejaria Trindade.
- 15.00 Arruada – descida do Chiado (Lisboa).
- 19.30 Jantar com mandatários na Churrasqueira do Campo Grande.
- 21.00 Comício de encerramento na Aula Magna, em Lisboa.



MARIA DE BELÉM

Maria de Belém começa a preparar a derrota

PENSÕES Candidata aproveitou ontem o caso das subvenções vitalícias, que a atingiu em cheio, para começar a justificar o mau resultado que todas as sondagens lhe antecipam

JOÃO PEDRO HENRIQUES

"Isto pode prejudicar a minha candidatura", admitiu Maria de Belém, quando entrava num almoço com apoiantes na cervejaria lisboeta Trindade – iniciativa onde a mobilização voltou a falhar (algumas dezenas de lugares ficaram vazios). O Tribunal Constitucional chumbou há dias uma lei que diminuía essas subvenções, numa ação de verificação da constitucionalidade que nasceu da iniciativa de vários deputados, entre os quais a candidata.

Dizendo que vive num país onde há pessoas que "vivem situações muito difíceis" ou mesmo "dramáticas", Maria de Belém acrescentou que isso pode levar a que fiquem "aborrecidas" e "frustradas" com prerrogativas a que os políticos têm direito, como as subvenções vitalícias.

Mais tarde, num encontro com jovens na Embaixada – um centro comercial no Príncipe Real –, explicou por antecipação um eventual aumento da abstenção: por um lado "a junção entre atos eleitorais [legislativos e presidenciais] teve efeitos de desmobilização", pois "as pessoas atualmente dão mais importância ao primeiro-ministro do que ao Presidente da República". Algo que acumula com o facto de haver "uma desistência das pessoas para tentar reformar a política".

Por outro lado, a cobertura mediática caracterizou-se por sublinhar "não os factos em si mas sim a sua interpretação" e por "um tipo de perguntas" que lhe "condicionou um discurso". "Preferia ter discutido programas, tentei que isso acontecesse, mas sem muito sucesso", afirmou, quebrando-se também do clima de "guerrilha" da campanha, algo que no seu entender afasta, por exemplo, os jovens da votação. "Tudo isto afasta [eleitores]", disse – mas não sem uma reprimenda a quem decidir abster-se: "Quem desiste de comparecer perde um bocadinho de legitimidade para se queixar."

Mesmo assim, em relação às subvenções, a candidata disse que, em nome da "coerência", não pres-



Belém terminou dia com comício pouco concorrido em Lisboa

cinde de um dia eventualmente requerer o seu benefício. "Eu podia dizer que renunciava a tudo, que isto é imoral e mais não sei quê. Mas isso é o caminho fácil. O que não aceito é que se use esta questão para cavalgar benefícios eleitorais", acrescentou. Atacou ainda Nóvoa por defender o fim das subvenções vitalícias para os ex-presidentes da República e Marisa Matias por "ofensas à separação de poderes e à Constituição" quando criticou a decisão do TC sobre as subvenções vitalícias (antes dela, Manuel Alegre diria que a campanha da candidata do BE estava com estes argumentos "salazarentos" a "atacar os políticos, a política e por isso a democracia").

O dia acabou de forma desastrosa. Quarenta minutos após a hora marcada (21.00) não estavam mais de 50 apoiantes no auditório da FIL da Junqueira escolhido para realizar o comício. A lotação rondava 330 lugares. A candidata entrou na sala quase às 22.00 e se estivessem cem apoiantes era muito.

ON E OFF



Sérgio Sousa Pinto já tinha dito que era contra a candidatura de Nóvoa. Ontem, com uma longa nota no Facebook, acrescentou que apoia Belém.



De nada valeu ter o apoio do líder da distrital de Lisboa do PS, Marcos Perestrello. As mobilizações ao almoço (Trindade) e à noite (FIL da Junqueira) foram um desastre.

AGENDA

HOJE

12.00 Visita à zona comercial Póvoa de Varzim.

19.00 Comício no Cineteatro Batalha (Porto).

21.00 Comício no Pavilhão Centro de Portugal (Coimbra).

MARISA MATIAS

Só mais uma volta, só mais uma volta e "encostar a direita às boxes"

EMOÇÃO Marisa vai das gargalhadas às lágrimas na arruada na Moraes Soares. Caravana respira ar de confiança e acredita na meta de Louçã

OCTÁVIO LOUSADA OLIVEIRA

Não há lágrimas – e elas existiram ontem, mas já lá vamos – que retirem os motivos para Marisa Matias sorrir. Com a campanha presidencial a entrar hoje na derradeira jornada, a candidata apoiada pelo BE terá a noção de que se a esquerda falhar a segunda volta poucas responsabilidades lhe podem ser asacadas.

Em Braga, na noite anterior, Francisco Louçã elevou a fasquia e vaticinou que Marisa "terá mais votos do que Maria de Belém" e as sondagens (como a da Universidade Católica para o DN, JN, Antena 1 e RTP) parecem sustentar o prognóstico. Porém, a eurodeputada quer mais. Não só para si. Para a esquerda. E, com Marcelo Rebelo de Sousa em aparente quebra nas intenções de voto, as gentes de Marisa exalam confiança e só pensam em "só mais volta, só mais uma volta", como canta Tiago Bettencourt.

Na tradicional arruada em Lisboa, na Moraes Soares, nem a chuva demoveu o pelotão de apoiantes, visivelmente animado pelas projeções de que já se ia falando em surdina. O passo era ditado pelo ritmo da música e as paragens impostas pelas abordagens à candidata e à sua parceira na cabeça do grupo: Catarina Martins.

Lado a lado, ouviram de tudo. Desde um senhor que seguia em sentido contrário, subindo rumo à Praça Paiva Couceiro e gritando "O Marcelo é que vai ganhar, pá!", até às costumeiras promessas de voto e aos elogios. Uns de circunstância, outros nem tanto. "Já que eles não os têm no sítio, pelo menos que tenham elas", atirou, entusiasmado, outro cavalheiro, sacando gargalhadas ao duo.

Um terceiro indivíduo foi parco em palavras mas assertivo no tom: gosta de ouvir Marisa e quer vê-la "encostar a direita às boxes". Toda a caravana anuiu.

Porém, para a reta final da descida estava reservado o muro no estômago. Com 60 anos, uma senho-



Marisa Matias ouviu Louçã dizer que terá mais votos do que Maria de Belém

ra com sete netos dirigiu-se a Marisa. Chorosa, disse que quer "trabalho", "comida" e "condições" que não tem. Perspetivando um futuro cinzento, questionou Marisa, que também já não segurava as lágrimas: "Onde está o emprego, o dinheiro para lhes dar de comer? Onde está o nosso governo?" Com um problema diagnosticado na barriga, só conseguiu ecografia para dentro de seis meses. "Dentro de seis meses posso já estar morta."

Marisa voltava a embater de frente com o país real, a ouvir os problemas concretos da vida das pessoas, como tem notado uma e outra vez nesta campanha. De comção fácil, e voz embargada, limitou-se a abraçar a senhora. E a reconhecer o óbvio: "Tem razão."

ON E OFF



Marisa é afeto dos pés à cabeça. Genuíno, espontâneo e natural, não de plástico. Nas ruas, dá as mãos, beija e abraça toda a gente, mesmo os que lhe dizem para não o fazer.



A chuva afastou as pessoas do mercado da Torre da Marinha e a candidata falou apenas para comerciantes.

AGENDA

HOJE

10.30 Visita à feira de Vila do Conde.

17.00 Arruada no Porto.

19.30 Jantar-comício em Coimbra, intervenções de Catarina Martins.

PRESIDENCIAIS 2016

EDGAR SILVA



Jerónimo de Sousa incansável no apoio a Edgar Silva. Hoje está no encerramento da campanha

“Resultado construído palmo a palmo, voto a voto”

OTIMISMO As várias sondagens publicadas, mesmo dando Edgar Silva atrás da candidata do BE, aparentemente não abateram os comunistas, que acreditam numa segunda volta

VALENTINA MARCELINO

De braço dado, o secretário-geral do PCP, Jerónimo Sousa, e Edgar Silva descenderam ontem o Chiado, na tradicional arruada de Lisboa. Já sabiam de algumas sondagens, todas a prever a vitória de Marcelo Rebelo de Sousa à primeira volta das eleições presidenciais que se realizam no domingo. Este cenário é, para o candidato, “a única derrota” que pode ter mesmo se ficar, como preveem as sondagens, abaixo da votação de Maria Matias.

Mas, à cabeça de uma massa compacta de apoiantes (três mil, segundo a organização) a andar sob uma persistente chuva miudinha, não deixaram escapar nenhum sinal de angústia nem de tristeza. Pelo contrário. Sorrisos na cara (principalmente Edgar Silva, que acenava, encantado, para todos os lados) deixaram clara a atitude que os comunistas devem assumir, pelo menos, até ao dia das eleições.

As sondagens “não captam” emoções e estão por ser criados “estudos de opinião que sintam a energia do povo”. “Só alguém muito insensível pode ficar indiferente a esta maré de apoio que está aqui”, dizia Edgar Silva no Rossio.

“Abril está aqui vivo nesta rua do Carmo e tem de dar frutos no dia das eleições. Ninguém pode apagar a chama da esperança, da confiança em Abril, que foi acesa no dia 4 de outubro. O nosso resultado está a ser construído a pulso, palmo a palmo, voto a voto. A batalha ainda não acabou. As sondagens são o ontem e o anteontem, o passado”, salientou, para acrescentar a sua nota poética do dia: “A vida está a ser construída. O futuro está por fazer e somos nós que o estamos a criar.”

Antes, Jerónimo também tinha

ON E OFF



Apesar da chuva persistente, apoiantes não falharam à emblemática arruada do Chiado. Umhas três mil pessoas descenderam as ruas Garrett e do Carmo.



Almoço com funcionários da Câmara de Loures não teve grande efeito do ponto de vista mediático. Não há nada de surpreendente, dado que é uma autarquia comunista.

manifestado “toda a confiança” na candidatura de Edgar Silva, “a única que apresentou ideias para o país e combateu verdadeiramente a abstenção”. “Fizemos boa cara ao mau tempo”, brincou o líder do PCP, “faça chuva ou faça sol, não desistimos nunca dos combates antes de serem travados”. Lembrou que Marcelo Rebelo de Sousa dizia, “há uns dias, que a campanha não se devia arrastar, confiante”, mas que “a cada dia que passa a sua votação está a recuar”. “Não vamos nessa conversa, fazemos a nossa campanha até ao fim e acreditamos na derrota da direita, que o povo português já recusou nas eleições legislativas de 4 de outubro”.

“Edgar avança, com toda a confiança”, gritaram centenas de apoiantes. Depois, a Rua do Carmo cantou o hino nacional. Viam-se alguns punhos fechados no ar. E as gotas da chuva miudinha a dançar na luz dos candeeiros.

AGENDA

HOJE

11.00 Arruada no Barreiro.
17.00 Arruada no Porto, com Jerónimo de Sousa.
21.30 Comício em Guimarães, com Jerónimo de Sousa.

MARCELO REBELO DE SOUSA

Professor foi árbitro até na hora de ouvir insultos

DESAFIO Na Baixa do Porto, Marcelo ouviu pela primeira vez na campanha palavras desagradáveis da boca de um popular: “És um intruja”

RUI PEDRO ANTUNES

Marcelo Rebelo de Sousa recusa dar balizas para a sua magistratura, voltando à metáfora que mais usou na campanha: quer ser árbitro em Belém. O candidato começou ontem o dia em Marco de Canaveses a dizer que não andar de “apito na boca” à espera de “marcar penálti”. Mas — como a maioria dos árbitros — não se safou de insultos. Na Avenida dos Aliados, no Porto, teve o momento mais tenso da campanha.

Antes disso, o candidato até tinha sido recebido na Câmara do Porto por Rui Moreira, em quem o ex-líder se revê por terganho com uma “candidatura independente que continua independente”. Até agora — tirando uma tirada mais ao longe — Marcelo não tinha ainda presenciado um ambiente mais hostil. O próprio fazia gala disso nas sessões públicas: “Não noto hostilidade nas pessoas.” Na Invicta não foram muitos os casos, mas fizeram estrondo. Já completamente fora da agenda, Marcelo insistiu nos passeios improvisados e viveu situações mais apertadas. Sentou-se para engraxar os sapatos em plena Avenida dos Aliados e — apesar de serem mais as abordagens simpáticas — acabaria por ouvir de um popular: “És um intruja do c... Estás aqui a dar a volta ao people.”

Pelo meio foram várias as conversas animadas, mas pouco depois voltaria a tensão. “Trabalham pouco na Assembleia e têm reformas vitais”, disse um popular num tom mais agressivo e a aproximar-se do candidato. Marcelo nunca recuou ou demonstrou medo e respondeu, quase no imediato: “Mas sabe que eu sou contra as subvenções vitais?” E nunca recebi nenhuma.

Apesar da simpatia do professor, o interlocutor insistiu que “tem de fazer alguma coisa. Não é só blá-blá-blá. Vocês vão para lá e não fazem nada pela gente”. A situação forçou Marcelo a fazer promessas pelo fim das subvenções. E aí, após insistência dos jornalistas, disse que espera que “seja possível influenciar os que decidem, os parlamentares e, se possível, o próprio

Tribunal Constitucional, no sentido de não haver um tratamento desigual”. Ou seja: a acabarem com as subvenções dos políticos. Nem a nível de simbolismo esta parte da campanha correu bem a Marcelo. Foi ter com Rui Moreira, mas este também já havia recebido Sampaio da Nóvoa e ficou-se pelo aperto de mão institucional. Depois, o seu próprio diretor de campanha (Pedro Duarte) tinha a mesma função na candidatura adversária de Rui Moreira nas autárquicas que este ganhou. E, como se não bastasse o mau presságio que já se podia desenhara, o próprio engraxador só ainda tinha melhorado o calçado de um político: “Engraxe os sapatos do Luís Filipe Menezes.” O problema é que, depois disso, Menezes perdeu.

Pela manhã, Marcelo recusou-se a definir balizas para os governos com quem vai cooperar caso seja eleito. O candidato disse que para ele “não há balizas vermelhas, nem amarelas, nem laranja, nem azuis: há uma Constituição que é obviamente a baliza das balizas”. Marcelo não quer estar de “apito na boca (...) para na primeira ocasião marcar penálti”, nem dizer previamente que vai “marcar penálti nesta ou naquela circunstância”. Até porque “seria um grande risco, porque depois pode existir um tipo de carga que não existia anteriormente e que mereça penálti”.

ON E OFF



Perante uma situação mais hostil, até de alguma agressividade, Marcelo soube lidar com a situação, mesmo sendo insultado. A sua experiência política é uma vantagem.



Marcelo continua a não querer comprometer-se. E evita dizer o que pensa sobre várias matérias fulcrais para o país, embora tenha opinião sobre elas.

AGENDA

HOJE

10.00 Visita à feira de Viana do Castelo.
12.15 Arruada em Esposende.
21.30 Sessão pública em Celorico.



E SE MARCELO REBELO DE SOUSA FOR PRESIDENTE?

Está lá? Daqui é o Presidente



PEDRO MARQUES LOPES

As mantinhas para os joelhos foram deitadas ao lixo, as salamandras mandadas para o ferro velho e foi retomado o contrato com a banca de jornais mais próxima. Depois de uns dias em que uma brigada de limpeza esfregou cada canto do palácio, em que cortinas e reposteiros foram atirados para as caves e se se mantiveram as janelas abertas para que o ar, pesado de dez anos, voltasse a circular, Marcelo Rebelo de Sousa convidou os cidadãos para uma visita aos jardins e a algumas salas do Palácio de Belém. Uma festa.

O Presidente da República não foi propriamente para a grelha nem andou a fazer brindes, mas circundou de grupo em grupo a contar e ouvir histórias, a anotar pedidos e a garantir que o chefe da Casa Civil tinha memória de elefante e não o ia deixar esquecer-se de nadinha.

Não houve discurso nem declarações oficiais, mas no dia seguinte, sabe-se lá por que artes mágicas, apareceram umas frases muito bem desenhadas nos jornais e nas redes sociais, frases em que alguns convivas incógnitos diziam que tinha sido a festa do povo. "A festa da vitória do povo."

A verdade é que a já distante noite eleitoral tinha sido diferente das habituais – e não por Marcelo, hipocóndrico incorrigível, ter sacado dum frasco de álcool e desinfetado os microfones antes de começar o discurso de vitória. Nenhum dirigente partidário apareceu a reclamar a sua quota parte e todos os comentadores foram unânimes em afirmar que nunca um Presidente tinha sido eleito dum forma tão independente e tão afastada dos partidos. "Uma legitimidade e uma força para falar em nome dos cidadãos nunca vista numa eleição para primeiro mandato", alguém afirmou.

As idas aos pastéis de Belém para um café em chávena escaalda já faziam parte das crónicas

mundanas. Claro que havia quem não gostasse. Uns porque não cavava bem com a *gravitas* exigível a um Presidente da República. Outros, por causa das fugas de informação (há quem lhes chame isso) que surgiam nesses pequenos passeios quase sem segurança. O episódio mais recente numa destas idas ao café, e que deu origem a estas críticas, deu-se quando Marcelo pegou no telemóvel e ligou a Cristiano Ronaldo aconselhando-o a descansar mais, a viajar menos, porque o Euro estava próximo. Ou quando pediu explicações a um general do exército por causa de um acidente nuns exercícios militares. Ora, já se sabe que o Presidente não fala baixinho e que as mesas no estabelecimento não estão muito afastadas, daí até à polémica bastou um gole de café. Mal o Presidente saíra da porta, de volta ao Palácio de São Bento, já o Facebook crepitava de comentários.

A propósito destes novos hábitos, alguém lembrou que já lá iam os tempos em que assessores da

Presidência se encontravam secretamente com jornalistas em pastelarias com intuítos menos próprios. Agora era o Presidente que ia tomar café e à vista de todos. Novos tempos.

O mandato não teve um início, digamos assim, suave. Passos Coelho não ficou nada satisfeito quando Marcelo, durante uma iniciativa presidencial sobre Justi-

Marcelo não conseguia dormir as suas quatro horas: a crise era grave e a dezena de telemóveis e telefones fixos espalhados pela cama perturbavam o ambiente.

ça, falou sobre o necessário respeito pelo princípio da não inversão do ónus da prova, percebendo que era uma mensagem para mais uma iniciativa do PSD sobre o enriquecimento ilícito. E o primeiro-ministro não escondeu a sua irritação quando o Presidente perguntou a um catraio, numa ida a uma escola, se ele sabia se ia ter exames ou não nesse ano.

Problemas realmente sérios deram-se em meados de maio. O sistema financeiro nacional ameaçava colapsar. Um novo resgate para a banca estava a ser negociado. Os principais partidos não se entendiam e os decisores europeus exigiam o acordo não só dos partidos do governo mas também o compromisso do PSD.

Marcelo não conseguia dormir as suas quatro horas: a crise era grave e a dezena de telemóveis e telefones fixos espalhados pela cama perturbavam o ambiente.

Mario Draghi e Jean-Claude Juncker também andavam meio abananados. Era a primeira vez que recebiam telefonemas dum

Presidente da República às quatro da madrugada. Melhor: era a primeira vez que o telefone tocava a essa hora e que do outro lado chovia um discurso torrencial que não permitia resposta: "Sr. Draghi, isto aqui vai correr bem. Não se preocupe. Não se preocupe, isto... sabe como é, nenhum pode dar parte de fraco. O meu amigo sabe como é, claro que sabe, claro que sabe. Só mais uns dias. Ligo-lhe já. Até já. Até já."

Entretanto, na frente interna: "Sr. primeiro-ministro, vou falar com o Passos Coelho. Ele vai perceber. Mas, ouça, o senhor não é só o primeiro-ministro, é um dos mais brilhantes políticos que Portugal já teve. Não podemos fazer finca-pé. Temes de nos ajudar. E se... Não desligue, por favor." O chefe da Casa Civil estendia-lhe o outro telefone. "Se não é um dos mais brilhantes portugueses! Como vai o meu querido amigo? Ouça, isto é mesmo muito importante. Só o meu amigo com o seu sentido de Estado, com o seu amor por Portugal nos pode tirar deste imbróglio. Pedro, você é um dos mais brilhantes políticos portugueses de todos os tempos. Você vai ficar para a história se ajudar nisto. Não ponha dúvidas. Isto vai fazer de si o próximo presidente da República. Sim, sim, eu só aguento um mandato. Mas vamos arrumar isto, OK? Posso combinar um encontro com o António Costa para amanhã? Vocês entendem-se, eu já falei com ele, isto está bem encaminhado. Não desligue."

"Sr. primeiro-ministro, acho que isto vai, vai mesmo. O homem, cheira-me, está convencido. Amanhã? Eu nem preciso estar presente, claro está."

Manchete do *Diário de Notícias* dois dias depois: "Fumo branco entre governo e oposição. Presidência da República elogia entendimento entre líderes."

Já falta pouco para o Orçamento de 2017.

O DN desafiou cinco personalidades para, partindo das declarações públicas dos cinco principais candidatos a Belém, antever como seriam os primeiros seis meses de mandato de cada um deles caso fossem eleitos. Hoje terminamos com Pedro Marques Lopes e a sua visão de Marcelo na Presidência.



JOSE SPINELLI / LUSA

PRESIDENCIAIS 2016

CAMINHOS CRUZADOS

A campanha das candidaturas que já nascem pequenas

Diferentes. Garantem que são independentes, sobretudo de apoios financeiros. E tudo o resto lhes foge, a começar pela visibilidade mediática, protestam. Assim, é difícil conquistar votos ...

CÉU NEVES

Paulo de Moraes sobe e desce o Chiado. Henrique Neto pergunta aos agricultores do mercado da "Reforma Agrária" pelas vendas. Vitorino Silva disfarça-se de sem-abrigo na Almirante Reis. Cândido Ferreira vai à câmara CDU de Peniche. Jorge Sequeira visita empresa em Lisboa onde já deu palestra. Assim se faz a campanha dos cinco candidatos à Presidência ditos "pequenos": nos apoios, nos dinheiros, no espaço mediático e nas sondagens. Uma barreira que dizem ser impossível ultrapassar, para deixar de ser pequeno na votação.

Cândido Ferreira deu o mote na pré-campanha. Recusou participar num debate televisivo por ter menos tempo de antena do que outros candidatos, estes apoiados, direta ou indiretamente, por dirigentes partidários. Afirmava não ter querido esse apoio político e que sofreu as consequências logo nos sete meses que andou a recolher as 7500 assinaturas para se candidatar à Presidência da República. Em "vez de preparar a campanha".

"Reuni com 12 advogados, fizemos um comunicado e nada foi publicado. A minha prima ficou de recolher assinaturas - a Fernanda, de quem gosto muito - e quando lhe perguntei por elas, disse que não as tinha porque pensava que eu desistira; que não estava a aparecer na comunicação social como candidato. Depois, até recolheu bastantes", conta Cândido Ferreira para mostrar como a campanha ficou comprometida. Quinze dias de ações, sobretudo na região centro onde vive, com um tema e um artigo da Constituição por dia.

"Vivemos numa sociedade mediática e, quando a mensagem não passa, começa a haver um afunilar de ideias; não há um alargamento do espetro de opinião como seria desejável." O médico termina culpando o "sistema político instalado em Portugal" e onde esteve entre 1974 e 2011. Dirigiu a

Federação Distrital de Leiria do PS.

Palavras ditas na Escola de Turismo e Tecnologia do Mar, em Peniche, que visitou na segunda-feira, dia dedicado ao mar. Elogia a diversidade, a inovação, o conhecimento e a ligação ao meio empresarial ali praticados. Muitas vezes fala da sua experiência, nomeadamente na hotelaria devido ao agroturismo que tem em Portalegre. Cumprimenta os alunos, pergunta o que estudam e deixa para trás a dúvida: "Quem és?"

Mais bem "colocado da esquerda" Maria Dionísio, 20 anos, de Sintra, Hayden Franklin, 24, de Aveiro, Laetitia Fernandes, 18, de Viana do Castelo, João Ribeiro, 19, de Peniche, Eduardo Lopes, 22, de Torres Verdes, sabem que Cândido Ferreira é um dos dez candidatos, já o nome é difícil. Inscritos em diferentes cursos - Animação Turística, Aquacultura e Recursos Marinhos e Biologia Marinha e Biotecnologia - não deverão votar, justificando que estão longe de casa. Mas o João, que é de Peniche, também não o fará: "Não ligo aos votos."

É a segunda ação da campanha em Peniche, num dia iniciado na Câmara Municipal, "a autarquia da CDU mais a norte de Portugal", específica o candidato. Acrescenta que é a prova em como está aberto ao diálogo com todos os partidos. Ele que se afirma como "o candidato de esquerda mais bem colocado". António Correia, o presidente da autarquia, entrega-lhe duas latas de cavala em conserva. Em troca recebe o último romance do candidato, *Setembro Vermelho*.

Se Cândido Ferreira é um homem de gabinete; pelo menos o de médico (nefrologista), Vitorino Silva, o Tino de Rans como sempre lhe chamam, diz que o seu é na rua. Faltava-lhe dormir ao relento para vincar esse facto, também para ouvir quem não tem casa, justifica. Foi esta semana na Almirante Reis, com início na "sopa dos pobres", onde a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa serve

almoços e jantares aos mais necessitados.

Chega 50 minutos depois da hora marcada (o que justifica com a direta que fez por ter estado no dia anterior em Bruxelas, onde foi ouvir os emigrantes), já a instituição tem as portas fechadas, também nada sabiam desta visita. E alguém lhe entrega um envelope com as propostas de Paulo Borges, o fundador e ex-presidente do PAN, que não conseguiu reunir as 7500 assinaturas para se candidatar à Presidência.

Vitorino Silva agarra-se ao primeiro sem-abrigo que o aborda, Alfredo Brito, 66 anos, há meia dúzia de anos na rua. Diz-lhe que passará essa noite com ele, já que "solidão" é palavra do dia. "Posso dormir contigo, fazer-te companhia?", pergunta o calceteiro. E, perante a afirmativa: "Hoje não vais estar só."

Sem-abrigo e com fotógrafo

O homem queixara-se antes aos jornalistas, do frio que passa durante a noite, de lhe terem "roubado a reforma do estrangeiro" e o "rendimento mínimo", de ter nas-

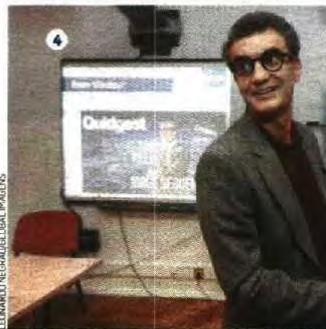
cido em São João do Estoril mas querer ir para Ponte de Sor (Portalegre) onde está o irmão. Aconselhado a esperar pelo candidato, ganha companhia para uma noite e a promessa de que o levarão a casa do familiar. Tudo fotografado para alimentar as páginas da candidatura de Vitorino Silva, que afirma aos jornalistas: "A primeira medida é sofrer na pele o que sentem os sem-abrigo. Enquanto Presidente da República, vou tratar deste tema de outra maneira. Há dinheiro para integrar esta gente."

"Sopa dos pobres" fechada, o candidato pergunta onde poderá comer "uma sopinha". E Miro, também sem teto, leva-o até ao Núcleo de Apoio Local, que serve pequenos-almoços e jantares a cerca de 30 pessoas, sete dias por semana. O espaço abriu em 2013 e é cedido pela Junta de Freguesia de Arroios às associações que dão de comer aos sem-abrigo, explica Filipa Belchior, assistente social. E que responde a Vitorino Silva quando lhe pergunta se há sopa: "Só se sobrar depois de todos comerem." A técnica lamenta não terem sido informados da iniciativa. Quem ali vai comer tem de inscrever-se e provar que é necessitado.

Nesta noite, segunda-feira, a sopa de legumes, o arroz de feijão com salsicha e os bolos que as pastelarias doam, foram servidos pelas associações Frei Fabiano de Cristo e CASA. Chegou para Vitorino Silva jantar, que comentou: "Está bom, não está?" E vai conversando com os colegas de mesa, na maioria homens.

Na despedida é questionado por Fernando. Tem 53 anos e chegou à rua aos 11. "Consumi tudo o que havia para consumir. Mas entrei e saí pelo meu pé." Vive num quarto, com o apoio da Santa Casa da Misericórdia. Falta-lhe um emprego para que o sucesso seja completo.

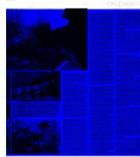
Fernando pergunta a Vitorino: "Não acha que é demagogia dormir uma noite na rua. Acha que assim vai saber o que é dormir na rua, tem casa, tem família? Acha que as

**DN rápido**

A falta de recursos obrigou a que alguns candidatos **concentrassem** as ações nas regiões onde vivem.

Em geral, os potenciais eleitores, ou não, **recebem bem** as comitivas dos candidatos a Presidente.

Só candidatos a Presidente que conquistarem **5% ou mais dos votos** recebem apoio do Estado.



1. Henrique Neto esteve no mercado da "Reforma Agrária", onde contou aos pequenos agricultores a sua experiência de industrial 2. Cândido Ferreira visitou a Escola de Turismo e Tecnologia do Mar, em Peniche, em iniciativas em defesa do mar 3. Vitorino Silva dormiu com Alfredo, um sem-abrigo, no dia que dedicou à "solidão" 4. Jorge Sequeira andou pela Quidgest, empresa de informática em Lisboa, onde já deu palestras 5. Paulo de Moraes saiu do Porto, autarquia em que foi vice-presidente, para passear no Chiado



peçoas vão votar em si por isso?"

Vitorino: "Fiquei sem pai aos 9 anos, dormíamos todos no mesmo quarto, sei o que é ser pobre. Hoje o tema é a solidão e respeito muito quem está só?"

Fernando: "Mas você não está só, está com essa gente toda. Não sabe o que é estar só. Estar só é não ter mesmo ninguém. Devia dormir numa casa abandonada. Sei bem o que quer mostrar no mundo."

Vitorino: "Sei bem o que está a dizer e, por isso, é que isto é importante, para saber o que passamos."

Ambos se despedem convictos de que cada um tem razão. Vitorino Silva garante que é um político diferente. Vai buscar cartões e dois cobertores à carrinha que o acompanha, onde se lê Portugal com Tino e que é conduzida pelo irmão. E monta a cama ao lado de Alfredo, numas arcadas da Almirante Reis.

70 euros para cumprir agenda

Jorge Sequeira fez ontem uma arruada em Braga, de onde é natural. Foi a primeira e a última caminhada entre eleitores, já que tem optado por palestras e visitas a instituições e empresas, com ações sobretudo a norte. Lisboa foi a cidade mais a sul onde esteve e para aproveitar a participação num debate televisivo com todos os candidatos. "Não tenho recursos", diz metendo a mão ao bolso para mostrar quantos euros lhe restam até ao final da campanha: 70 sem contar com a nota de 50 que, entretanto, guardou. "Já com o bilhete de ida comprado", ironiza.

E continua: "Sabe quanto custa um outdoor, cerca de 400 euros.

Sou eu que pago tudo da minha campanha, não tenho dinheiro para isso." Há uma subvenção do Estado para apoiar as campanhas eleitorais desde que tenham um mínimo de votos, que no caso das presidenciais é de 5% da votação.

É terça-feira e o candidato visita a Quidgest, empresa de consultadoria e desenvolvimento de sistema de informação de gestão, que elogia sobretudo pela "inovação e internacionalização". E que é responsável pelo software do Parlamento. "A parte boa da Assembleia da República", diz Jorge Sequeira.

É psicólogo e apresenta-se como um orador, também professor e investigador, em resumo, um motivador. Deu uma palestra num dos eventos da empresa e daí a visita, explica Carlos Costa, diretor de marketing, que assume votar neste candidato. Jorge Sequeira garante: "Sou o único independente. Os únicos candidatos que nunca foram filiados sou eu e o professor Sampaio da Nóvoa e ele tem dirigentes socialistas a apoiá-lo."

Percebe-se o traquejo de animador de plateias, joga com as palavras e transforma-as em desafios enquanto Presidente da República, fala inglês e espanhol quando entra no departamento da internacionalização, faz analogias com o futebol (deu formação a treinadores, foi comentador desportivo), onde vai buscar "bons exemplos" para tudo.

"Dizem que gostam de me ouvir"

"Quem é?", pergunta um jovem. "É um candidato à Presidência da República", responde o amigo. Acabam de receber um panfleto das mãos de Paulo de Moraes, o ex-vice-presidente da autarquia do Porto pelo PSD numa ação em Lisboa. Sobe e desce o Chiado, explica que quer combater a corrupção. E há quem lhe reconheça esse combate, como José Ferraz, desenhador e poeta, de nome artístico Yvens Pessoa. Recebe a propaganda e diz-lhe: "Que ganhe o melhor. Você é um bom candidato!"

Quer dizer que votará em Paulo de Moraes. "Não", responde o artista, justificando: "É um homem que inspira confiança, mas já tenho o meu candidato preconcebido."

Hugo Casaca e João Palma, 19 anos, alunos da Escola Superior de Música, recebem a informação sem se mostrarem convencidos em participar nestas eleições. Além de "não ligarem à política", nas presidenciais é que estão mesmo a leste, argumentando: "Quem são os candidatos? Só conheço um!"

Junta-se ao grupo um terceiro rapaz, mas que não quer o nome publicado no jornal e que ressalva: "Votei nas legislativas mas porque a minha avó é do PS", socialista com participação pública.

Paulo de Moraes, como os outros

quatro candidatos, é bem recebido pela população e que, em regra, aceita a propaganda. Mas esta comitiva tem alguém mais persuasivo para quem diz já ter ou não quer a informação: "Há de ter um amigo ou uma amiga a quem queira dar." Uma senhora pede desculpa por retorquir: "Custa-me deitar fora. É desperdiçar."

É das poucas deslocações desta candidatura a sul e que se divide em três áreas: ações de proximidade, debates e visitas. "As pessoas são fantásticas. Tem-me recebido muito bem. Dizem que não me conheciam mas que gostam de me ouvir. No Porto, conhecem-me melhor do que em Lisboa, eu próprio conheço muitas pessoas na rua, mas o nível de proximidade é igual, seja no Norte ou no Sul."

"Uma sugestão de voto"

"Bom-dia. Henrique Neto, candidato à Presidência da República. Posso entregar-lhe uma sugestão de voto?" O industrial de moldes da Marinha Grande, filho de operários, como gosta de sublinhar, desce até Évora para se encontrar com os pequenos agricultores que vendem no mercado da "Reforma Agrária". É reconhecido por todos e com eles mete conversa.

O militante socialista que não regateia críticas aos políticos, "muitas vezes do PS", admite, pergunta-lhes se só vendem o que produzem, tece comentários perante os protestos, fala da sua experiência como dirigente político e empresário, uma ou outra ferroadá "a quem andou estes anos todos na TV". "Sou o único com experiência, que criou postos de trabalho e riqueza", argumenta o candidato enquanto entrega um panfleto, em que se lê: "Portugal não é da direita nem da esquerda. É nosso!" Uma das suas palavras de ordem.

"Oh, o senhor Henrique Neto, conheço bem da televisão. Ainda é meu pertence, também me chamo Neto. Pertencemos aos "netos" da serra da Estrela. Costumo dizer isto por brincadeira e, até, já disse ao meu marido que devíamos votar no nosso primo", brinca Rosário Neto, 68 anos, reformada. Mas não, há anos que votam no mesmo.

Na subida do Mercado Municipal à Praça do Giraldo, o socialista tem uma boa surpresa e que vem de Lisboa. "Conheço-o muito bem. É o único que fala claro, vou votar em si." Diz-lhe Riaz Issa, 53 anos, empresário.

Henrique Neto diz-se esperançado num bom resultado eleitoral, quer unir os portugueses. "Um dos grandes problemas nacionais não é só o governo, que é mau. O problema é que uma parte da população apoia e outra critica, mas é uma crítica destrutiva. E devíamos de nos unir em torno de uma solução."

PRESIDENCIAIS 2016

Da batota dos apoios, ou falta deles, às subvenções

Temas. O passado dos candidatos, a formação académica, as ligações partidárias e as subvenções vitalícias dominaram campanha

Num país ainda sem Orçamento do Estado, os grandes temas da economia ficaram de fora do lote das armas de arremesso dos principais candidatos. Se na pré-campanha a crise do Banif chegou a ser tema para troca de acusações entre os que apoiam a solução do governo e os que a criticam, quando a campanha foi para a estrada os assuntos governativos perderam "importância" e deram, naturalmente, lugar a questões mais "pessoais". O passado dos candidatos, os seus currículos, os apoios partidários – a ausência deles – e as subvenções vitalícias dos deputados acabaram por se transformar nos grandes temas de discussão.

A independência e a autonomia em relação aos partidos foi apresentada, por vários candidatos, com um dos principais trunfos, Sampaio da Nôvoa e Maria de Belém, que reúnem figuras de proa do PS, fizeram questão de salientar os benefícios de não terem o apoio oficial do partido. Mas na segunda metade da campanha, Belém alinhou nos ataques desencadeados por Manuel Alegre à "batota" da direção do PS em favor de Nôvoa, dizendo que os grandes "ajuntamentos" para "figuração" nas iniciativas atualmente só se conseguem com máquinas partidárias por trás. Nôvoa respondeu exibindo diariamente mais um ministro ou dirigente do PS.

Também Marcelo, apoiado pelo PSD e pelo CDS, procurou sempre apresentar a sua candidatura como autónoma, desvalorizando a presença de cada autarca, dirigente ou deputado daqueles partidos que "ocasionalmente" lhe

apareciam pela frente. Mas não se livrou dos constantes ataques vindo de todas as direções e ganhou o título de candidato da direita, apesar de em muitos momentos ser mais costista do que os costistas.

As únicas candidaturas abertamente partidárias – Edgar Silva e Marisa Matias – foram desvalorizadas por falta de independência.

O passado político dos candidatos foi mote para o ataque ao adversário. O passado partidário de Marcelo foi recordado como prova da sua ligação ao PSD e a sua vertente de comentador usada para o descredibilizar. O passado de Belém, evocado para a ligar à acumulação de vencimentos de deputada com rendimentos de consultoria ao BES. O de Nôvoa para salientar a sua falta de experiência política. O ex-reitor viu ainda ser questionada, por Cândido Ferreira, a sua formação académica. Respondeu publicando o seu *curriculum vitae* completo.

A questão das subvenções a ex-titulares de cargos políticos foi a última grande arma de arremesso político. Todos os candidatos disseram estar contra a existência das mesmas... menos Maria de Belém. "Eu podia dizer que vou abdicar de tudo, que considero que isto é imoral, ilegal, isso é o caminho fácil (...). O que eu não aceito é que se transforme esta questão numa questão para cavalgar benefícios eleitorais", afirmou. O fim das subvenções foi questionado por 30 deputados, um deles Maria de Belém, e agora o Constitucional deu-lhes razão, declarando inconstitucional a suspensão do pagamento das subvenções vitalícias.

Lourinhã: "Filme" que adversários não perceberam

MARCELO REBELO DE SOUSA » Marcelo tinha acabado de saber que subia nas sondagens e, na Lourinhã, abriu o livro. Disse aos outros candidatos que "não deviam bem estar a ver o filme", dando-lhes uma lição de política. Afirmou a sua genuinidade: disse que toda a vida foi assim e que não precisa de agências de marketing para sorrir e ser... Marcelo.

Lisboa: Sampaio e mobilização no Casal Vistoso

SAMPAIO DA NÓVOA » Com 1600 pessoas em Lisboa, e Jorge Sampaio a discursar por mensagem gravada, o comício do Casal Vistoso marcou a ocasião de maior mobilização da campanha do ex-reitor. E foi o momento em que houve, apesar de tudo, gente mais nova. Viseu, no antigo cavaquistão, com 600 pessoas num jantar, foi outro ponto alto.

MOMENTO MAIS MARCANTE

Santo Tirso: Alegre e a batota da direção do PS

MARIA DE BELÉM » Um jantar com apoiantes em Santo Tirso, ao qual se juntou Manuel Alegre. Mais de três centenas de apoiantes, um ambiente em que se sentiu um pouco de vibração militante – e com Alegre a lançar aquele que foi o tema dominante da segunda parte da campanha, a suposta "batota" da direção do PS em favor de Nôvoa.

Coimbra: Semedo deixa plateia à beira das lágrimas

MARISA MATIAS » Em Coimbra, o ex-coordenador do BE João Semedo fez a primeira intervenção em público desde que um cancro nas cordas vocais lhe chegou a retirar a voz e o afastou do combate político – deixando a plateia à beira-lágrima. Fê-lo por Marisa Matias – que classificou a ação "um dos maiores atos de amor" a que assistiu na política.

A GAFFE



MARCELO REBELO DE SOUSA » Uma ida à campa da avó, quando passou pela Covilhã, era suposto ser um momento pessoal, mas foi revelado à comunicação social. Marcelo e um batalhão de jornalistas entraram pelo cemitério quando decorriam funerais. O erro perturbou o culto de quem estava num momento de recato.

SAMPAIO DA NÓVOA » Prometia ser uma ocasião importante da campanha, com a entrada de Ramalho Eanes ao terceiro dia. O ex-presidente que esteve com Cavaco em eleições anteriores e que agora apoia Nôvoa acabou por elogiar este comparando-o com o atual Presidente. Uma gafe no discurso da candidatura.

MARIA DE BELÉM » Num almoço na Figueira da Foz, a última iniciativa pública em que Almeida Santos participou, Belém qualificou-o como "o maior socialista vivo" em Portugal, esquecendo Mário Soares. Ontem, retificou o tiro homenageando o pai fundador do PS como "o grande patriarca da República".

MARISA MATIAS » Tralalhadas ou embaraços, propriamente ditos, não existiram. A estratégia de Marisa estava bem definida e a candidata não foi para fora de pé. E se é quase tradição apasefringar alguma figura de segunda linha a fazer corar os candidatos, desta feita nem isso aconteceu.

EDGAR SILVA » Foi uma meia gafe, mas não deixou de ser notada. Num comício no Lavradio, Barreiro, lembrou a campanha para a Presidência de Freitas do Amaral, "em 85", com os jotinhas "vestidos de verde convencidos de que iam ganhar". A campanha começou nesse ano, mas eleições foram em 1986.

OS APOIANTES



Notáveis dividiram-se pelos candidatos, mas uns foram mais mimados

1» Passos e Portas deram apoio, mas não apareceram. **Marcelo** contou, no entanto, com os líderes parlamentares de PSD e CDS Luís Montenegro e Nuno Magalhães. Contou ainda com a ex-ministra Leonor Belega, a ex-presidente da AR, Assunção Esteves, e a ex-líder do PSD, Manuela Ferreira Leite. E José Mourinho, em vídeo.

2» O desenrolar da campanha não revelou nenhuma surpresa ao nível dos grandes apoiantes da candidatura de **Maria de Belém**. O ex-ministro da Educação Marçal Grilo, mandatário nacional,

esteve várias vezes com a candidata, bem como os históricos socialistas Manuel Alegre, Vera Jardim e Alberto Martins, além do antigo todo-poderoso chefe do aparelho do PS, Jorge Coelho. No governo, um único ministro apareceu, João Soares (Cultura). No aparelho do PS contou com vários presidentes de federação.

3» A família bloquista uniu-se em redor da candidata **Marisa Matias** e até contou com figuras de outras áreas políticas como Helena Roseta ou Eduardo Barroso. Porém, o "empurrão" mais me-



ID: 62789563

22-01-2016

AS FRASES

“Sou o candidato da esquerda da direita”



MARCELO REBELO DE SOUSA
O candidato procurou sempre fazer passar a ideia de que o centro-esquerda é a sua área política. Evitou a colagem ao PSD, partido que liderou, e ao CDS e manteve-se sempre muito compreensivo para com as opções do governo socialista de António Costa. Tudo para conquistar um vasto eleitorado.

SAMPAIO DA NÓVOA

“Não me engano nos alvos das críticas nem nos adversários, sei bem quem estamos a enfrentar e porquê.”

MARIA DE BELÉM

“Isso são os seus olhos. A sala não estava meio vazia, estava meio cheia.”



MARISA MATIAS

“Há uma constituição ilegal e secreta que manda em Portugal e é simplesmente a que se faz em Bruxelas e Berlim, nas administrações da banca e nos gabinetes dos advogados. É a constituição dos donos disto tudo. Estamos fartos dessa lei que ignora a lei.”



EDGAR SILVA

“As sementes da esperança lançadas a 4 de outubro não podem ser caladas.”

Porto: o maior comício no Palácio de Cristal

EDGAR SILVA > O comício, no passado domingo, no Centro de Congressos de Lisboa (antiga FIL), com mais de seis mil apoiantes, foi uma demonstração de força do PCP. Foi o maior comício de todas as candidaturas, tendo o segundo maior sido o do Porto, no Palácio de Cristal, também de Edgar Silva. Vantagens de ter o apoio assumido da máquina comunista.



diático chegou do lado de lá da fronteira. Pablo Iglesias, secretário-geral do Podemos, veio a Portugal pedir uma “surpresa” e, claro, a segunda volta.

4. Catalina Pestana, a ex-provedora da Casa Pia de Lisboa, surge no vídeo de apresentação de **Edgar Silva** a falar dos projetos que o candidato lançou na Madeira, em defesa das crianças pobres da ilha. Catalina é próxima de Sampaio da Nóvoa, de quem chegou a ser assistente na faculdade.

5. **Sampaio da Nóvoa** insistiu que eram bem-vindos todos os apoios à sua candidatura, mas no deve e haver socialista foi notório o empenho da direção de António Costa, de cinco ministros e dirigentes socialistas, incluindo o presidente do PS, Carlos César, e a secretária-geral adjunta, Ana Catarina Mendes.

A SURPRESA

Um indesejado, a polémica e os apoios improváveis

> Em Mira-Sintra, **Ângelo Correia** apareceu sem ser convidado e, à chegada, **Marcelo Rebelo de Sousa** não o cumprimentou. Só acabaria por o fazer depois, quando o histórico do PSD quase se atravessou no caminho. Marcelo admitiu: “Sei que ele vivia aqui perto, mas não sabia que vinha cá.” No caso das subvenções vitalícias, que atingiu a candidatura de **Maria de Belém** em cheio, foi uma das deputadas que pediram ao TC que chumbasse a lei que as reduzia. Ontem reconheceu que o caso lhe estava a “prejudicar muito” a candidatura. Helena Roseta, a deputada eleita pelo PS, apareceu no Cinema São Jorge para se juntar a **Marisa Matias** e justificou a opção: “alegria por ver mulheres na corrida e porque se revê na coragem e nas causas da eurodeputada. Lembrou

Sophia de Mello Breyner e disse-se “farta de políticos que fazem muitas contas”, numa alfinetada à outra candidata, Maria de Belém. A meio de uma receção desconfiada dos trabalhadores da Peugeot Citroën, **Edgar Silva** recebeu um apoio público, emocionado e determinado, do coordenador da comissão de trabalhadores. Tudo normal até aí. Só depois de soube que era o presidente de Junta de Freguesia de Santar, Nelas, eleito pelo PSD. António foi a surpresa desta campanha. Sim, o próprio **Sampaio da Nóvoa**: soube arejar a poesia do seu discurso e despir a toga pesada do académico, mostrando-se sempre generoso nos contactos com populares. Ao segundo dia de campanha, já era visível na feira de Espinho o traquejo que os oito meses de estrada deram ao antigo reitor.

SÍTIO MAIS DIFÍCIL



MARCELO REBELO DE SOUSA > Fez uma campanha quase imaculada: não teve abordagens desagradáveis na rua. Mas, ontem, no Porto, foi insultado (“és um intruja”) e ainda teve de enfrentar queixas em tom agressivo de alguns populares. O ambiente foi, pela primeira vez, mais tenso.

SAMPAIO DA NÓVOA > A rua foi um risco assumido pela candidatura. Houve sítios onde correu bem, outros onde não deu para disfarçar, apesar da disponibilidade do candidato, como ontem em Santa

Catarina, no Porto. A comparação com outras eleições e arruadas era inevitável.

MARIA DE BELÉM > Almeirim, no cineteatro local, logo no início da campanha. Embora contando com apoios de peso no aparelho distrital (e autárquico) do PS de Santarém, a sala estava meio vazia. Foi um primeiro sinal, que se confirmaria depois, de que a militância socialista não queria aparecer.

MARISA MATIAS > Com uma comitiva curta, Marisa debateu-se

com o mesmo problema que o BE costuma enfrentar: entusiasmas mas a mobilização é curta. A visita ao Museu Nacional Ferroviário, no Entroncamento, esteve longe de ser um sucesso.

EDGAR SILVA > Os contactos com trabalhadores na fábrica Peugeot Citroën, em pleno cavaquistão (Mangualde/Visu), foram um risco. O “camarada” sindicalista tinha sido despedido há dias e a ação estava sem “rede” de apoio. Acabou por haver uma surpresa...

PRESIDENCIAIS 2016

Sampaio da Nóvoa durante uma ação de rua em Lagos teve oportunidade de demonstrar os seus dotes de futebolista. O candidato – que quem o conhece diz ter passado ao lado de uma carreira “promissora” no futebol – foi desafiado por uma jovem e não recusou a dar uns toques numa bola, perante os aplausos das pessoas que assistiram à exibição.



Edgar Silva passou por Silves, onde foi recebido por umas dezenas de apoiantes e no seu discurso defendeu a regionalização sem referendo



Na estrada: tudo vale e fica bem na procura de mais um voto

Momentos. As campanhas eleitorais dão aos candidatos a possibilidade de mostrarem dotes ou surgirem em situações que reforçam imagens já construídas. Se as capacidades futebolísticas de Sampaio da Nóvoa eram pouco conhecidas do eleitorado, já o gosto de Marcelo Rebelo de Sousa em nadar ou o passado de Edgar Silva como padre são do domínio público. Momentos de diversão como os protagonizados por Maria de Belém e Marisa Matias também são comuns nas campanhas.



No quarto dia de campanha, e com uma agenda muito centrada na defesa dos direitos das mulheres, Maria de Belém fez um "desvio" e foi visitar a fábrica da Cavalinho, em Santa Maria da Feira. Não resistiu à fotografia com o mais pequeno pai natal, no Maior Presépio do Mundo em Movimento



SP. ANDRÉ PEREIRA / ALGEM IMAGES

JORGE PARANHOS / ALGEM IMAGES



A caravana da candidatura de Marcelo Rebelo de Sousa passou no lar de idosos Domus Aemintum da Fundação Beatriz Santos, em Coimbra, onde o candidato não resistiu a uma fotografia com um grupo de jovens que utilizam a piscina daquelas instalações



Marisa Matias, acompanhada por Miguel Guedes, durante uma visita à escola básica de Lagos, em Vila Nova de Gaia. O vocalista dos Blind Zero e comentador desportivo afeto ao FC Porto é uma das personalidades sem filiação partidária no Bloco de Esquerda que declarou o apoio a Marisa e fez questão de se juntar à campanha

FRANCO ALBUQUERQUE

JOSÉ CEREALUSA



PRESIDENCIAIS 2016

O QUE ELES PENSAM

Todos defendem importância de ter saúde e escola públicas

Os pivôs e os comentadores que vão estar na RTP, SIC e TVI

SUCESSO Marcelo Rebelo de Sousa distingue-se dos outros candidatos ao sublinhar que o presidente da República não deve substituir-se ao Parlamento nem ao governo em matéria de escolhas quanto ao seu funcionamento e financiamento

Os principais candidatos assumem-se como defensores do Serviço Nacional de Saúde (SNS) e da escola pública.

Marcelo Rebelo de Sousa alerta contudo para a necessidade de o presidente não se substituir ao Parlamento e ao governo nessas áreas.

SAMPAIO DA NÓVOA
"SNS não pode ser reduzido a exercício de folha de Excel"

O ex-reitor entende que o debate sobre o futuro do SNS "não pode ser reduzido a um exercício próprio de uma folha de Excel". Por isso, "não só não identifico qualquer inevitabilidade na lógica de cortes cegos [...] como rejeito a mistificação de que a privatização representaria uma varinha mágica que todos os problemas resolveria", diz Sampaio da Nóvoa. A escola pública "representa a garantia da igualdade de oportunidades e do acesso universal de todos à educação e às múltiplas vantagens transformadoras que a qualificação comporta, nos planos do enriquecimento pessoal e da aquisição de competências profissionais", indica o candidato.

MARCELO REBELO DE SOUSA
"SNS é uma conquista de Abril"

Sobre o SNS e a escola pública, Marcelo Rebelo de Sousa não se quer comprometer. Na campanha diz que quer, tanto na Saúde com na Educação, que haja consensos de regime e que não se mude de políticas sempre que se muda de governo. Ao DN, quando questionado sobre como deve funcionar o serviço público de saúde, o professor considera "deslocado o presidente substituir-se ao Parlamento e ao governo". Mas destaca que "o SNS é, consensualmente, uma conquista de Abril. E eu entro nesse consenso". Quanto à escola pública, Marcelo defende que o presidente "não deve, também aqui, fazer escolhas de governo". Porém, considera, "até como aluno e professor durante



António Arnaut (à esquerda) foi o fundador do Serviço Nacional de Saúde

longas décadas da escola pública, que ela tem um papel determinante, embora não exclusivo".

MARISA MATIAS
"Gestão rigorosa não é exigir que SNS passe a dar lucro"

A candidata do BE defende que "uma gestão rigorosa dos recursos" financeiros na Saúde "não é exigir que o SNS passe a dar lucro". Marisa Matias diz que o orçamento para a despesa pública em saúde "deve estar "ao nível da média europeia ou da OCDE e não abaixo, como agora". Quanto à Educação, Marisa Matias sustenta que "a escola pública e os seus profissionais, professores e funcionários, conseguiram

feitos extraordinários", apesar das políticas de austeridade.

EDGAR SILVA
"Assegurar ao SNS recursos necessários aos objetivos"

O candidato do PCP diz que o financiamento do SNS "deve estar de acordo com a sua missão e obedecer a critérios objetivos definidos" por lei. "Cabe ao Estado dotar-se das medidas de política fiscal, orçamental e de gestão que assegurem ao SNS os recursos necessários ao cumprimento dos seus objetivos", sublinha Edgar Silva. Na Educação, o candidato aceita "a contratualização com os colégios privados" nos locais "onde a es-

cola pública não tem capacidade de absorver os alunos que dela necessitam". Mas, se "as famílias devem ter e têm a possibilidade de escolher entre a escola privada e a escola pública", diz que elas "devem assumir esses custos".

MARIA DE BELÉM
"Reformas são sempre necessárias"

A ex-presidente do PS diz que "a universalidade" dos sistemas públicos de saúde e ensino "é indiscutível". Por isso, Maria de Belém apoia o "quadro geral em que funcionam os sistemas públicos de saúde e de educação, a nível do financiamento e do desenho geral".

TELEVISÃO Generalistas terão transmissões simultâneas com os respetivos canais de notícias. Há aposta forte nos painéis de comentadores

RTP1, SIC e TVI já estão em contagem decrescente para a cobertura jornalística de todos os acontecimentos após o encerramento das urnas. Na estação pública de televisão, José Rodrigues dos Santos, João Adélio Faria e Carlos Daniel conduzem a emissão especial, que começa às 18.00 na RTP3.

Uma hora depois, arranca o simultâneo RTP3/RTP1. Às 20.00, é apresentada a projeção de resultados com a análise do politólogo Pedro Magalhães. Nuno Morais Sarmento e Pedro Silva Pereira, Nuno Garoupa, Marina Costa Lobo, José Vítor Malheiros, José Manuel Fernandes, António José Teixeira e André Macedo, diretor do DN, são os comentadores de serviço no especial presidencial da estação pública de televisão.

A partir das 20.00, a emissão simultânea SIC/SIC Notícias, conduzida por Rodrigo Guedes de Carvalho, arranca com uma sondagem feita à boca das urnas, a cargo da Eurosondagem. Clara de Sousa será a pivô responsável pela moderação dos três painéis de debate. Ricardo Costa e Miguel Sousa Tavares integram o primeiro painel. Segue-se a análise de Luís Marques Mendes, Pedro Santana Lopes, António Vitorino e Francisco Louçã. Os comentadores da *Quadratura do Círculo*, Pacheco Pereira, Lobo Xavier e Jorge Coelho, fecham o debate.

O simultâneo TVI, TVI24, TVI Internacional e TVI África arranca às 20.00 com as primeiras projeções. José Alberto Carvalho, Judite Sousa e Pedro Pinto conduzem a emissão, que vai contar com três painéis de comentadores: Carvalho da Silva, José Miguel Júdice e Manuela Ferreira Leite; Adolfo Mesquita Nunes e Mariana Mortágua; e também o jornalista António Costa, Constança Cunha e Sá, David Dinis e João Miguel Tavares. Os telespectadores poderão participar nas redes sociais através do uso da hashtag #presidenciais2016. RTP, SIC e TVI vão ter emissões nas respetivas plataformas online. R.C.



MARCELO REBELO DE SOUSA

52%

SAMPAIO DA NÓVOA

22%

MARIA DE BELÉM

8%

MARISA MATIAS

8%

EDGAR SILVA

3%



ORLANDO ALMEIDA/DPAL/IMAGENS

SONDAGEM PRESIDENCIAIS

MARCELO VENCE, MAS AUMENTA A HIPÓTESE DE SEGUNDA VOLTA

Está lá? Daqui é o Presidente. Pedro Marques Lopes sobre Marcelo

Caminhos cruzados: as candidaturas que já nascem pequenas

O fotógrafo estava lá. As melhores imagens dos dias de campanha